



Eixo Temático: 5 – Cidadania, cultura e currículo

A SUPERVISÃO EDUCACIONAL COMO TRABALHO POTENCIALIZADOR NO DESENVOLVIMENTO DE RELAÇÕES AFETIVAS NA ESCOLA

Tamini Wyzykowski¹
Marli Dallagnol Frison²

Introdução

O presente texto tem como propósito discorrer algumas compreensões a respeito do papel da afetividade na constituição humana e sobre implicações das relações afetivas nos processos de ensino e aprendizagem escolar. Também tem por finalidade enunciar reflexões e entendimentos relacionados ao trabalho da supervisão educacional em meio às relações afetivas que podem vir a se desenvolverem nos espaços escolares.

Com base em Young (2007), compreendemos que é função social da escola “capacitar os jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho” (p. 1294). Na escola são problematizados conhecimentos científico-escolares, que devem contribuir para potencializar a aprendizagem e a constituição humana.

A perspectiva teórica histórico-cultural defende a ideia de que o desenvolvimento cognitivo se relaciona ao desenvolvimento afetivo. Para Vigotski (2007, p. 103) “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos do desenvolvimento, que de outra forma, seriam impossíveis acontecer”. Com isto, podemos depreender que não é possível pensar o desenvolvimento humano nos espaços escolares sem considerar a constituição cognitiva e afetiva dos sujeitos que ocupam os referidos contextos, como: alunos, professores e o supervisor educacional, dentre outras pessoas.

¹ Doutoranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), tamini.wyzykowski@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), marlif@unijui.edu.br



As relações afetivas que se estabelecem na escola podem oferecer implicações no desenvolvimento humano de alunos e professores. Vale refletir que o supervisor educacional trabalha em meio a estas pessoas, por vezes, intermediando interações formativas. Nesse sentido, para que alunos e professores se constituam mais plenamente humanos, é importante que os supervisores educacionais também estejam conscientemente envolvidos e comprometidos nas relações de afetividade, ensino e aprendizagem que se estabelecem. Sabino (2012, p. 40) infere que “o ser humano estabelece relações através de vínculos humanos e, a partir desses vínculos, estabelecidos em contexto sócio-histórico, é que vai construindo sua identidade, sua forma de ser e estar no mundo”.

Nesta direção, este estudo tem o objetivo de problematizar sobre implicações da supervisão educacional na constituição de relações afetivas no ambiente escolar a fim de potencializar os processos de ensino e aprendizagem e promover o desenvolvimento humano. A pergunta que norteia esta tecitura é: Qual o papel do supervisor educacional em meio às relações afetivas que podem se constituir no contexto escolar?

Temos como pressupostos iniciais que a afetividade influencia na significação conceitual e motiva a participação dos alunos nas aulas. Sendo assim, é necessário investigar, refletir e produzir entendimentos acerca do papel do supervisor educacional em meio a construção de relações afetivas na escola. Apostamos que o trabalho do supervisor educacional pode ser um fator determinante no decurso de processos de humanização individual e social nos contextos escolares.

Este trabalho é de natureza básica ou teórica, seguindo a abordagem qualitativa de pesquisa na área de Educação (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e foi desenvolvido a partir de análise bibliográfica. Nesse sentido, foram consultados alguns referenciais que tratam sobre a afetividade, o desenvolvimento humano e o trabalho da supervisão educacional no contexto escolar (GOMES, 2013; SILVA, 2013). A seguir serão sistematizadas algumas compreensões constituídas no percurso do referido estudo.

Resultados e discussão

De acordo com Vigotski (2007) o meio social é determinante na constituição humana. Ao nascer, o homem traz consigo características comuns da espécie biológica, mas é o meio social que constitui seu psiquismo e o humaniza. No decorrer do desenvolvimento humano de



cada sujeito, conforme ensinamentos de Vigotski (2007) e de seguidores da mesma matriz teórica, o afeto e cognição não são elementos dissociáveis no sujeito. “Para a Psicologia Histórico-Cultural”, nas palavras de Gomes e Mello (2010, p. 681), “entender como se dá a constituição do afetivo significa pensar, necessariamente, num movimento ou numa transformação que esses processos sofrem ao longo do desenvolvimento humano, refletindo a especificidade e complexidade da formação humana do sujeito” (Idem).

Nessa linha de pensamento, com apoio em Gomes (2013), ao discutir sobre o afeto não nos referimos ao seu significado do termo no senso comum, que por vezes remete a ideia de carinho ou afago, mas sim na perspectiva histórica e social que a afetividade se associa a constituição cognitiva. Em se tratando de contextos sociais, é fundamental pensar a “escola como um espaço privilegiado de acesso aos conhecimentos capazes de transformar os modos de pensar, sentir e agir das crianças por meio dos processos de ensino e de aprendizagem” (Ibidem, p. 509). A escola pode ser considerada como um ambiente favorável para o pleno desenvolvimento das capacidades humanas e afetivas, pois como bem referem Gomes e Mello (2010, p. 689): “pensar na motivação para a aprendizagem implica pensar em afetação, em como o sujeito é ‘tomado por, atravessado, perpassado’ pelas ideias, pelos objetos e fenômenos da realidade escolar” [grifos dos autores].

Na escola, as interações entre professores e alunos são fundamentais para ocorrer a significação de conhecimentos científico-escolares. O professor é responsável por intermediar a apropriação dos conteúdos, que é determinante para a aprendizagem e a constituição cognitiva dos estudantes. Para mais, é importante sinalizar que durante as interações podem se desenrolar processos afetivos junto a constituição psíquica.

Entre alunos e professores se estabelecem algumas relações, podendo ou não ser positivas. Vale refletir que a relação professor e aluno não se constitui somente do ponto de vista de ensinar e de aprender. Na escola ocorre o ensino e a aprendizagem formal dos conteúdos, assim como, também se desenvolve um conhecimento informal: os alunos aprendem um jeito de ser pessoa, aprendem a se relacionar em um grupo social, desenvolvem/constituem valores, emoções e relações afetivas. Alguns autores defendem que boas relações motivam à participação nas aulas e, portanto, estimulam a atividade de estudo e o desenvolvimento humano. As “boas relações” entre alunos e professores potencializam os processos de ensinar



e aprender, “trata-se de uma influência positiva, que agrega não só aos conteúdos, mas aos valores a serem construídos durante a trajetória escolar” (CARMINATTI; PINO, 2019, p. 134).

A afetividade no contexto escolar tem uma importante contribuição na apropriação conceitual dos conteúdos problematizados e, por vezes, os processos afetivos são memorizados e significados pelos estudantes. O afeto se une ao cognitivo podendo facilitar ou dificultar a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Tais proposições direcionam ao entendimento de que:

a escola exige um espaço dedicado à reflexão sobre como promover o desenvolvimento integral da criança, entendendo que os conteúdos apresentados, tanto quanto as relações humanas ali estabelecidas, estarão afetando positiva ou negativamente as consciências das crianças. Ponto de partida para a constituição de uma escola humanizadora é a compreensão de que não se promove o desenvolvimento de processos cognitivos independentemente de processos afetivos – os quais são o começo e o fim de toda a aprendizagem e de todo o desenvolvimento humano (GOMES; MELLO, 2010, p. 690).

Ao encontro disso, Carminatti e Pino (2019, p. 136) destacam em sua pesquisa que “a afetividade tem várias concepções na visão dos professores e até mesmo na literatura, porém acredita-se que ela deva [ser desenvolvida] estar presente nas aulas e que faz a diferença na compreensão e construção dos conceitos a partir do processo de mediação”. Ademais, em meio às relações afetivas no espaço escolar, podemos considerar, com apoio em Silva (2013, p. 11), que o supervisor educacional “torna-se figura importante porque está intrinsecamente ligado ao ato de ensinar e aprender. Nesse sentido, o supervisor e o professor são coautores dos processos de ensino e de aprendizagem”.

A partir da literatura consultada, compreendemos que o supervisor educacional é um profissional que tem, dentre outras funções, a responsabilidade de estimular a construção de processos interativos e afetivos na escola, a fim de favorecer a significação conceitual, a constituição humana e o desenvolvimento cultural de alunos e professores. Soares e Silva (2016) discorrem sobre o significado do termo “supervisão” na área da Educação. Conforme expressões dos referidos autores, “a palavra Supervisão é formada pelos vocábulos super (sobre) e visão (ação de ver)”, sinalizando que no contexto da prática profissional, compete ao supervisor educacional desenvolver “a atitude de ver com mais clareza uma ação qualquer. Como significação estrita do termo, pode-se dizer que significa olhar de cima, dando uma ideia de visão do todo” (SOARES; SILVA, 2016, p. 277).



De acordo com Ferreira (2019, p. 67), “considera-se o papel fundamental do supervisor: ser o grande harmonizador do ambiente da escola, o profissional encarregado do controle de qualquer ação, o encarregado de promover a interação entre teoria e prática, entre pensamento e ação”. O autor destaca que “o supervisor escolar é o articulador do trabalho pedagógico da Escola, coordenando e integrando o trabalho dos professores, dos alunos e seus familiares em torno da proposta pedagógica visando o bem comum” (Ibidem, p. 71).

Sendo assim, ao realizar seu trabalho, a fim de cumprir “a função de organizar a reflexão, a participação e os meios de concretizar a tarefa da escola, a qual é propiciar que todos os alunos aprendam e se desenvolvam como seres humanos plenos” (SOARES; SILVA, 2016, p. 277), emerge a necessidade de o supervisor educacional direcionar um olhar investigativo sobre os processos interativos que desencadeiam no contexto escolar. A interação entre alunos e professores é primordial, pois permite a construção de relações afetivas, que por sua vez, potencializam a aprendizagem e a constituição dos sujeitos. Vale lembrar que “a supervisão ou coordenação é desempenhada por um educador, e deste modo deve combater a tudo aquilo que desumanizar a escola” (Ibidem, p. 292). Para tanto, é fundamental primar pela “qualificação do processo de ensino, como forma de possibilitar a efetiva aprendizagem por parte de todos” (Idem).

Ao investigar como se desenvolvem as relações entre professores e alunos, o supervisor educacional pode pensar em meios e estratégias para qualificar os processos de ensino e de aprendizagem, primando pelo desenvolvimento de relações sadias. Junto com Silva (2013, p. 11), temos o entendimento que o supervisor educacional, “ao desenvolver ações intervencionistas, favorece o fortalecimento do ensino e da aprendizagem escolar a partir do incentivo de ações educativas capazes de contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores”. Dentre outras ações concretas, é possível organizar momentos de formação continuada com os professores da escola, a fim de discutir sobre a prática docente e refletir sobre como os sujeitos aprendem e se humanizam.

Além de discutir sobre metodologias, práticas de ensino e de avaliação, é importante criar na escola espaços-tempos de formação continuada para problematizar, significar e atribuir sentidos quanto à importância do meio social e das relações afetivas para o desenvolvimento mais pleno de crianças e adolescentes. Nessa linha de pensamento, Soares e Silva (2016, p. 293), destacam:



O papel do supervisor é mediar ações de integração e coletividade, priorizando um trabalho pedagógico de qualidade e competente, contemplando as novas formas de gestão e políticas que forneçam subsídios para uma ação espontânea, onde o trabalho docente esteja integrado com as didáticas e que o mesmo se faça presente nos valores e no tipo de formação que queremos dar aos nossos alunos.

Todavia, precisamos ter consciência que o trabalho do supervisor educacional, por si só, não garante mais qualidade na aprendizagem dos conteúdos escolares, tampouco uma formação humana mais plena aos alunos e aos profissionais da Educação. A escola é um contexto social de aprendizagens e de desenvolvimento cultural e, para tanto, os professores precisam de condições, de ordem formativa e estrutural em seus espaços de trabalho, para poder qualificar as ações envolvidas na sua atividade de ensino. Seguindo essa linha de pensamento, pesquisas apontam indícios de que para a construção de um espaço educativo em que predominem as relações afetivas, que favoreçam a aprendizagem conceitual e a constituição humana, é imprescindível aos docentes “investimento e estímulo à formação, acesso às produções acadêmicas atuais, e acima de tudo apoio e suporte por parte da supervisão” (FERREIRA, 2019, p. 77).

Considerações finais

A realização deste estudo possibilitou compreensões sobre a importância dos processos afetivos no ambiente escolar para a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Conforme os referenciais analisados, a afetividade está vinculada à constituição cognitiva de cada sujeito. Na escola, as interações que se desencadeiam entre alunos e professores podem desenvolver vínculos afetivos capazes de potencializar a significação conceitual e favorecer o desenvolvimento psíquico dos alunos. Neste meio, o supervisor educacional assume um importante papel: investigar, estimular e potencializar as relações afetivas no contexto escolar a fim de promover a humanização de crianças e adolescentes.

No âmbito do trabalho do supervisor educacional, destacamos a pertinência deste profissional na organização de momentos de formação continuada junto ao corpo docente da escola, a fim de discutir sobre a prática educativa e debater sobre questões relacionadas ao afeto e a constituição humana. Entendemos que o trabalho do supervisor educacional quando desenvolvido de modo crítico, responsável e contextualizado com a realidade escolar, torna-se um meio potencializador nos processos de ensino e de aprendizagem, importante para o pleno



desenvolvimento de relações mais afetivas, na transformação das capacidades psíquicas humanas e na promoção da cultura.

Referências

CARMINATTI, B.; PINO, J. C. D. Afetividade e relação professor-aluno: contribuições destas nos processos de ensino e de aprendizagem em Ciências no Ensino Médio.

Investigações em Ensino de Ciências. v. 24, p. 122-138, 2019.

FERREIRA, J. F. A relação entre professor e supervisor escolar para o sucesso do processo ensino aprendizagem. **Humanidades e Tecnologia em Revista (Finom)**. Ano XIII, n. 16, p. 64-77, jan./dez. 2019.

GOMES, C. A. V.; MELLO, S. A. Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 677-694, jul./dez. 2010.

GOMES, C. A. V. O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 509-518, jul./set. 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

SABINO, S. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa...** São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, A. M. C. **A supervisão escolar e as intervenções do supervisor no processo de ensino e aprendizagem**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013.

SOARES, S. A. S.; SILVA, G. F. O supervisor escolar e suas funções no contexto escolar. **Práxis Educacional**. v. 12, n. 23, p. 271-296, set./dez. 2016.

VIGOTSKI, L. A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 101, 1287-1302, 2007.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento humano. Supervisor Educacional.